

DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES NO SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UFES: COMPARATIVO ENTRE OS MODELOS TEÓRICOS DE EVANS E BAUGHMAN E PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO AO MODELO DE EVANS

Jorge Santa Anna - UFES

Professor do Departamento de Biblioteconomia

orjao20@yahoo.com.br

Resumo

As Bibliotecas Universitárias (BUs) constituem unidades de informação, cujo objetivo principal é fornecer materiais informacionais aos diversificados atores que compõem o espaço universitário. No entanto, formar e desenvolver coleções nessas unidades de informação pode representar uma missão instigante e desafiadora. Isso porque, as coleções que formam os acervos das BUs não são estáticas, devendo estar em constante crescimento no intento de atender as propostas pedagógicas da universidade, viabilizando o trabalho de ensino, pesquisa e extensão. Considerando as complexidades existentes no processo de formação e desenvolvimento de coleções, este estudo objetiva comparar as atividades realizadas em prol da formação e desenvolvimento de coleções do SIB/UFES, de acordo com os modelos teóricos de Evans e Baughman, propondo alternativas de melhoria conforme a proposta dos modelos, com vistas a garantir a adequação das coleções às exigências e necessidades dos usuários da coleção. Para tanto, através de pesquisa bibliográfica, documental e diagnóstico, propõe-se uma reflexão teórica acerca do desenvolvimento de coleções e sua relação com o SIB/UFES. Apresenta as características centrais dos modelos teóricos de Evans e Baughman. Compara as características desses modelos com a realidade do SIB/UFES. Por fim, os resultados confirmaram haver necessidade de adequação ao modelo holístico, consolidando uma gestão sistêmica, bem como a construção de uma política de desenvolvimento de coleções, objetivando fundamentar e nortear todas as ações em prol da constante adequação da coleção às necessidades demandadas pela comunidade universitária.

Palavras-chave: Bibliotecas universitárias. Formação e desenvolvimento de coleções. Modelos teóricos. Gestão sistêmica. Modelo holístico.

1 INTRODUÇÃO

Fornecer informações a diferentes usuários sempre constituiu uma das principais propostas das unidades de informação. Contudo, para que esse objetivo de disseminar informação seja alcançado, é necessário realizar, *a priori*, inúmeras

atividades que favoreçam a constituição e o desenvolvimento das coleções formadoras dos acervos.

Para que o fornecimento de informações seja satisfatório, faz-se imprescindível uma gestão efetiva do acervo, com vistas a propiciar condições para que ele cresça em concordância com as necessidades dos

usuários da informação, atendendo a critérios pré-estabelecidos de gerenciamento. Assim, as diversas atividades arroladas ao processo de desenvolvimento de coleções, como: seleção, aquisição, desbaste e descarte podem ser realizadas com mais legitimidade.

O processo de desenvolvimento de coleções sempre fez parte dos fazeres bibliotecários, entretanto o interesse em estudá-lo com maior cientificidade se deu a partir da explosão bibliográfica, cujo crescimento exagerado da literatura, em meados do século XX, desencadeou dificuldades de seleção, bem como os problemas oriundos a partir da falta de espaço físico requerido pelas unidades de informação.

A partir dos problemas acarretados pela explosão da informação, o desenvolvimento de coleções tornou-se objeto de pesquisa no campo da Biblioteconomia, despertando interesse de estudiosos na formulação de diferentes modelos teóricos, objetivando operacionalizar e administrar com efetividade as atividades voltadas para a gestão da coleção (VERGUEIRO, 1993).

Os estudos científicos em torno das atividades do desenvolvimento de coleções, além de estabelecer propostas de como a coleção pode ser gerenciada, também evidenciam a necessidade de utilizar modelos específicos para cada modalidade de biblioteca, considerando-se vários fatores, como o público servido e o contexto da instituição mantenedora da unidade (VERGUEIRO, 1993).

A partir desses estudos, o desenvolvimento de coleções vem adquirindo mais reconhecimento de sua importante função no gerenciamento da informação, controlando o ciclo informacional e os fluxos de informação. Vergueiro (1993) vai além e considera esse processo imprescindível, não apenas na gestão da informação e dos itens informacionais, mas, também, de todos os processos de trabalho desenvolvidos na biblioteca. Profetiza esse autor que ao formar e desenvolver a coleção, viabiliza-se uma visão geral da unidade, de modo a contribuir no planejamento de recursos informacionais.

No contexto das Bibliotecas Universitárias (BUs), de modo especial, o desenvolvimento de coleções se torna ainda mais complexo, uma vez que elas oferecem diferenciados suportes a um público diversificado, atendendo às atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade. Desse modo, as coleções das BUs devem acompanhar o crescimento das universidades, bem como as áreas de atuação dessas instituições educacionais (PINHEIRO, 2013). Segundo Vergueiro (1993) nessas modalidades de bibliotecas o desenvolvimento de coleções vem sendo tratado com mais intensidade, tornando-se objeto de constantes preocupações e estudos.

A explosão bibliográfica e a escassez de espaço para abrigar as coleções condicionam às BUs adotarem mecanismos que reduzem o número de itens incorporados no acervo, contemplando mais a qualidade do que a quantidade. No entanto, devido às exigências dos diversos usuários das BUs, faz-se necessário o estabelecimento de critérios para facilitar a seleção das fontes, sem desconsiderar as necessidades dos usuários. Assim, o desenvolvimento de coleções tornou-se “[...] recurso fundamental para se administrarem as coleções de acordo com os interesses e o perfil daqueles que necessitam de informações específicas [...]” (WEITZEL, 2002, p. 3). Pondera a autora que a seleção das fontes objetiva: “[...] filtrar o conhecimento registrado, separando o joio do trigo para consumo adequado”.

A fim de diminuir os diversos obstáculos existentes no processo de formação e desenvolvimento de coleções, surgiram alguns modelos teóricos apresentando formas específicas e estratégicas a fim de atingir a excelência quanto ao desenvolvimento de coleções. De acordo com os estudos de Vergueiro (1993) vários modelos foram publicados na literatura internacional pelos autores: Hendrik Edelman, John Ryland, Rose Mary Magrill e Doralyn J. Hickey.

Todavia, esses modelos não se adéquam à realidade das BUs, uma vez que são estruturados de forma hierárquica,

individualizando cada etapa do processo. Já os modelos dos teóricos Baughman e Evans, ao contrário, são estruturalista e holístico, respectivamente, o que pressupõe a integração de todas as etapas do processo, por conseguinte, envolve a unidade de informação como um todo, o que os tornam mais adequados ao desenvolvimento de coleções realizados em BUs.

A partir da importância que o desenvolvimento de coleções apresenta em relação à satisfação das necessidades dos usuários, espera-se que as dificuldades enfrentadas pelos bibliotecários de BUs sejam reduzidas, no sentido de selecionar criteriosamente as fontes e gerenciar com integridade toda a coleção. Assim, este estudo¹ objetiva comparar as atividades realizadas em prol da formação e desenvolvimento de coleções do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/UFES), de acordo com os modelos teóricos de Evans e Baughman, propondo alternativas de melhoria conforme a proposta desses modelos, com vistas a garantir a adequação das coleções às exigências e necessidades dos usuários da coleção.

Como objetivos específicos, o estudo propôs uma reflexão teórica acerca do desenvolvimento de coleções e sua relação com as BUs. Apresenta as características centrais dos modelos teóricos de Evans e Baughman. Compara as características desses modelos com a realidade de uma BU, o SIB/UFES, propondo alternativas de melhoria ao referido sistema investigado, enfatizando qual desses modelos se adequam mais ao contexto das BUs da atualidade.

Como metodologia de pesquisa, utilizaram-se três modalidades: a pesquisa bibliográfica, documental e o diagnóstico. A primeira foi construída com base em estudos publicados em livros e artigos científicos sobre desenvolvimento de coleções em BUs e a relação com os modelos teóricos. A segunda se pautou pela análise ao regulamento interno

da BU investigada, contendo as normas e procedimentos a serem seguidas pela unidade ao gerir sua coleção. Também utilizou-se como documento, relatório de estágio supervisionado realizado na referida unidade. Por fim, quanto ao diagnóstico, este se fez com base em observação nas atividades realizadas na prática pelo SIB/UFES.

2 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: UM PROCESSO DINÂMICO

Conforme consta na própria nomenclatura, a expressão “desenvolvimento de coleções” denota o conjunto de ações realizadas em prol da formação de uma determinada coleção. No bojo das bibliotecas, esse processo condiz com o ato de formar a coleção e viabilizar o seu preciso crescimento.

Esse processo pressupõe a aplicação de técnicas administrativas no intento de adquirir os itens informacionais que comporão os acervos, assim como, seu remanejo ou seu descarte. De forma clássica, Vergueiro (1989, p. 15, grifo nosso) menciona que o desenvolvimento de coleções constitui a “[...] administração sistemática, eficiente e econômica dos **recursos** da biblioteca”. Vê-se que tal processo não se limita apenas à aquisição de material informacional, mas a todos os recursos necessários para que as atividades e objetivos da unidade sejam alcançados.

Essa administração sistemática pressupõe o estabelecimento de condições a fim de justificar a seleção e aquisição dos recursos, desencadeando um processo criterioso realizado com amplo planejamento, sofrendo interferências de agentes externos. Sendo assim, o desenvolvimento de coleções refere-se a “[...] um processo que ao mesmo tempo, afeta e é afetado por muitos fatores externos a ele” (VERGUEIRO, 1989, p. 15), fato esse que condiciona o estabelecimento de uma política que fomenta as práticas realizadas.

¹ Os resultados preliminares deste estudo foram apresentados no XVIII Seminário de Bibliotecas

Universitárias, realizado em 2014, na cidade de Belo Horizonte (MG).

Desse modo, ao ser sustentado pelo planejamento, o processo de desenvolvimento de coleções “[...] deve ter um plano detalhado, pré-estabelecido, a fim de garantir um mínimo de continuidade ao processo e correções de rota, quando necessárias [...]”.

A política de desenvolvimento de coleções é um documento de cunho administrativo imprescindível ao estabelecer garantia, segurança e legitimidade às ações desenvolvidas junto à coleção. Corresponde a um documento onde se detalhará quem será atendido pela coleção, quais os parâmetros gerais da mesma e com que critérios esta se desenvolverá (VERGUEIRO, 1989).

No âmbito das BUs, o processo de desenvolvimento da coleção é amplo/complexo devendo abarcar a comunidade universitária, a avaliação da coleção, a elaboração de políticas e atividades como a seleção, aquisição e desbaste da coleção. Trata-se de um processo constante devendo estar de acordo com as propostas universitárias (PINHEIRO, 2013).

Nesse contexto sistêmico em que se submetem as BUs, a fim de tornar os processos de trabalho controlados, faz-se necessário o estabelecimento da política de desenvolvimento de coleções, que deverá ser construída conjuntamente, de modo a prescrever o detalhamento dos processos a serem seguidos por todos os envolvidos com a universidade. Assim, o desenvolvimento da coleção das bibliotecas universitárias deve ser feito

[...] seguindo algumas diretrizes preestabelecidas, que possa garantir a continuação da formação do acervo, estabelecendo diretrizes de seleção, de aquisição, e de desbastamento dos materiais, pois nenhuma biblioteca é capaz de armazenar tudo que é produzido nas diversas áreas, com isso a política de seleção define quais os critérios que [irão] compor o acervo (EDUVIRGES, [2014?], p. 5).

Conforme proclamado pelo mesmo autor, essa política, realizada em parceria com outros setores da universidade, deve registrar os objetivos, a curto e longo prazo da unidade de informação para suas coleções. As

diretrizes da política de seleção devem analisar cada material que inclui no acervo, utilizando critérios e objetivos discutidos com o bibliotecário, usuários, assessores e professores.

O processo de desenvolvimento em BUs torna-se tão amplo que, conforme defendido por Vergueiro (1993), incluirá inúmeras outras etapas, abarcando a avaliação das necessidades dos usuários, a avaliação da coleção atual, a determinação da política de seleção, a coordenação da seleção de itens, o desbastamento e armazenagem de partes da coleção e o planejamento para compartilhamento de recursos. Para que essas atividades sejam consolidadas com efetividade, faz-se imprescindível o estabelecimento de planejamento e a tomada de decisões.

A esse respeito, é importante destacar que o processo de desenvolvimento de coleções constitui-se de forma contínua, regular e permanente (VERGUEIRO, 1989), o que requer a interação entre vários setores da unidade informacional e da universidade, bem como a interação com a comunidade usuária e demais instituições participantes de redes de informação/conhecimento. Essa integração exige um trabalho conjunto, sustentado por atividades recíprocas. Nas palavras de Nascimento e Santos (2012, p. 2, grifo nosso), constata-se que

Gerenciar coleções é um trabalho que requer um conjunto de **parcerias**, principalmente nas bibliotecas universitárias, que passa pela administração da instituição, pelo usuário que irá utilizar aquela bibliografia até chegar ao seu objetivo, que é disponibilizar a informação, evitando assim que haja um abarrotamento no acervo [...].

Também constituem parceiros essenciais ao desenvolvimento de coleções, especificamente em Bus, os usuários da informação, podendo participar dos processos de seleção das fontes, do estabelecimento das políticas, além de demonstrar sua opinião por meio da participação em estudos de comunidade (AMBONI, 2013).

No entendimento de Miranda (2007, p. 3), atribuir critérios no decorrer das etapas do desenvolvimento da coleção garante maior confiabilidade ao se tomar as decisões. Assim, esses processos provocam “[...] a filtragem adequada das informações obedecendo a padrões estabelecidos de seleção que garantam a disponibilidade de obras confiáveis nos diversos suportes informacionais”. Profere a referida autora que é imprescindível conhecer as necessidades da comunidade a fim de permitir um planejamento com qualidade e eficácia no desenvolvimento e formação das coleções.

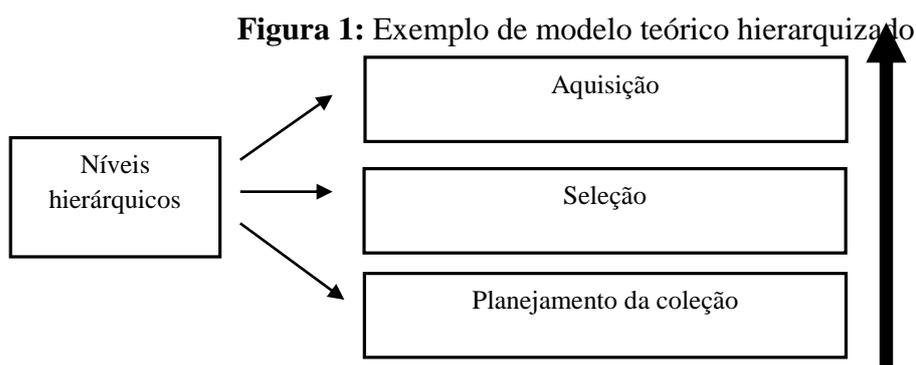
Assim, o estudo da comunidade constitui um dos pontos centrais em que se apoiará e sustentará todas as demais etapas do processo de desenvolvimento da coleção. Para Pasquarelli (1996, p.32), o usuário tem um papel preponderante na gestão de coleções, pois ele [...] é a principal razão da existência das atividades de formação e manutenção do acervo [...], seja através da aquisição por compra, doação, permuta do material bibliográfico e multimeios, e também deve ser o centro das atenções das atividades de preparo técnico do acervo [...], atividades diluídas em meio à representação descritiva e

temática dos documentos e de atendimento ao público.

3 O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES À LUZ DOS MODELOS TEÓRICOS DE EVANS E BAUGHMAN

Segundo Vergueiro (1993), o desenvolvimento de coleções, da forma como o concebemos na atualidade (aspecto científico/administrativo), apresenta-se como uma área relativamente nova, tendo sua gênese configurada a partir da explosão informacional, o que o consolidou como disciplina a ser oferecida nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil.

Os estudos voltados para o gerenciamento das coleções de bibliotecas são pautados em modelos teóricos, organizados e defendidos por diferentes autores internacionais. Alguns modelos foram estruturados tendo em vista a hierarquização entre as diversas fases dos processos de desenvolvimento de coleção (Figura 1). Outros modelos já foram idealizados com vistas a integrar de forma conjunta diferentes etapas do processo (VERGUEIRO, 1993).



Fonte: o autor (com base em Vergueiro, 1993).

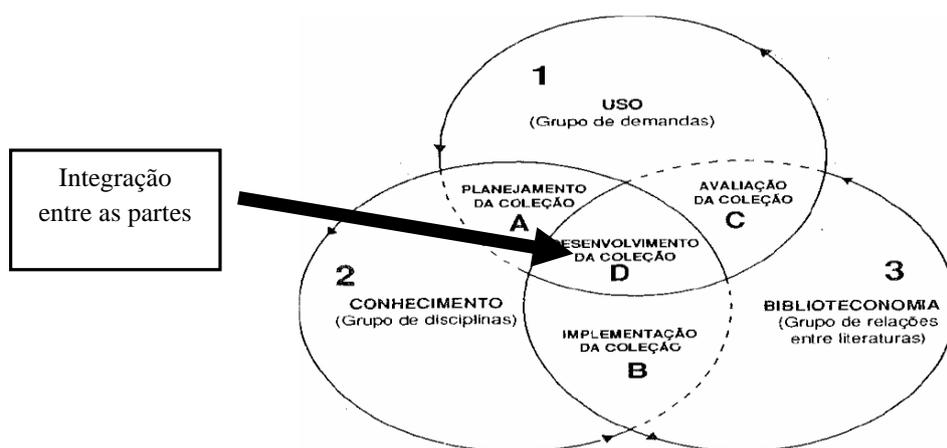
Os modelos pautados em hierarquias são mais adaptados a pequenas unidades de informação, em contextos isolados. Ao contrário, o modelo estruturalista de Baughman preza pela interação dessas partes. Semelhantemente, o modelo de Evans adota a estrutura sistêmica. Nesses dois últimos modelos, infere-se que eles se desenvolvem em meio à gestão compartilhada.

Conforme consta no estudo de Vergueiro (1993, p. 3), no modelo estruturalista de Baughman (1979), o desenvolvimento está vinculado às relações firmadas entre as etapas, estando “[...] focado sob um ponto de vista estruturalista, configurando-se um padrão de relacionamento entre todas as partes envolvidas [...]”. O modelo é composto por três elementos centrais: o uso (oriundo

dos usuários), o conhecimento (oriundo das disciplinas) e a biblioteconomia (fruto das relações na literatura). Essas partes estão interceptadas entre si de forma integrada,

constituindo um conjunto de elementos que somente funcionarão se houver ações de planejamento, desenvolvimento e implantação (Figura 2).

Figura 2: O modelo estruturalista de Baughman



Fonte: Vergueiro (1993, com adaptações do autor).

O modelo proposto por Baughman rompe a hierarquia e estabelece uma gestão integrada, firmando relacionamentos entre as partes, o que facilita a troca de informações e o auxílio recíproco evidenciado pelas redes de informação da atualidade. Segundo reflexão de Vergueiro (1993, p. 4), nesse modelo, o desenvolvimento de coleções é fruto “[...] do entrecruzamento, do planejamento, implementação e da avaliação de coleções [...]”.

Essa interseção alimenta um sistema contínuo, que se retroalimenta de acordo com novas informações que passam a inserir-se no ciclo, não possuindo necessariamente um início ou fim, mas sim, constituindo, dessa forma, um sistema cíclico e auto aperfeiçoável (VERGUEIRO, 1993). Segundo o referido autor, o modelo proposto por Baughman considera o desenvolvimento de coleções a partir do somatório firmado entre as três etapas, podendo ser representada da seguinte forma: PLANEJAMENTO + IMPLEMENTAÇÃO + AVALIAÇÃO = DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.

De modo geral, entende-se que as BUs, devido à amplitude de serviços e produtos que

oferecem, condizentes com as diferenciadas exigências da comunidade universitária, visando gerenciar com efetividade suas coleções, devem adotar modelos integrados, facilitando a comunicação, a interação e o compartilhamento entre todos os atores envolvidos nos processos, especialmente destacando a participação do usuário. Além do modelo de Baughman, outro modelo pautado na comunhão é o modelo definido pelo teórico Evans. Ao contrário do modelo anterior, este requer, além da integração, uma gestão sistêmica, constituindo um “[...] processo de identificação dos pontos fortes e fracos de uma coleção de materiais de biblioteca em termos de necessidades dos usuários e recursos da comunidade e tentando corrigir as fraquezas existentes, quando constatadas” (EVANS, 1979 apud VERGUEIRO, 1993, p.16).

Nesse contexto, adentrando-se ao modelo de Evans, constata-se que o desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias está em constante processo de atualização com vistas ao atendimento das atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração, com acesso aberto, tanto à comunidade

universitária, quanto à comunidade externa. Essas necessidades referem-se a

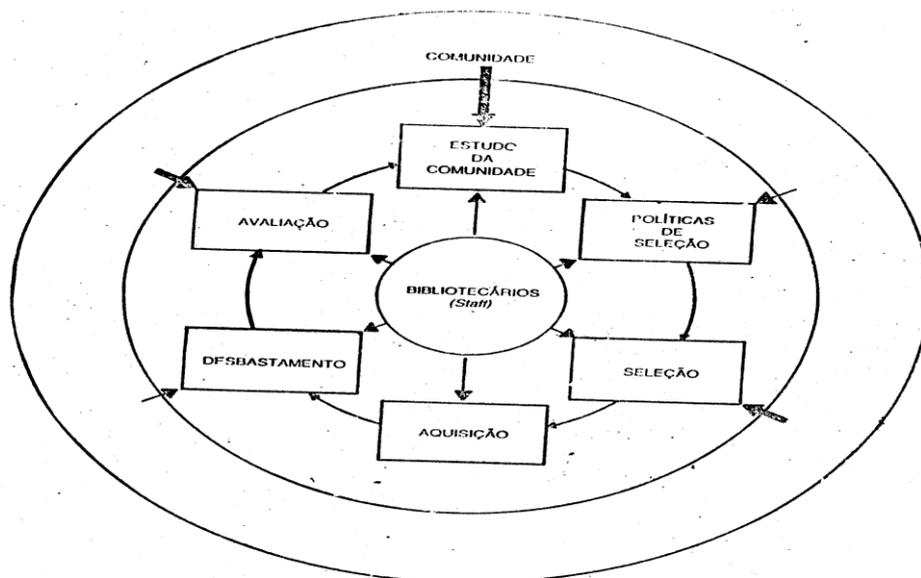
[...] necessidades informacionais da comunidade acadêmica (corpo docente, discente, pesquisadores e técnico-administrativo), direcionando sua coleção aos conteúdos programáticos ou em projetos acadêmicos dos cursos ministrados pela universidade na qual se encontra inserida (MIRANDA, 2007, p. 4).

Desse modo, a participação de usuários na gestão de coleções, por tratar-se de uma atividade com ciclo ininterrupto, regular e permanente, como descrito no modelo de Evans (1979), "[...] deve estar em sintonia

com os propósitos institucionais, pois as coleções precisam evoluir de forma harmônica em todas as áreas do acervo, evitando que o mesmo cresça desordenadamente, sem metas ou objetivos definidos" (MIRANDA, 2007, p.5), tendo em vista o atendimento das necessidades apresentadas pelo público a que serve (comunidade universitária, *a priori*).

O modelo de Evans parte desses pressupostos ao enfatizar a presença do bibliotecário no centro do círculo e a comunidade à volta de todo o sistema, caracterizando um contexto holístico (visão de todo) (Figura 3).

Figura 3: O modelo sistêmico de Evans



Fonte: Evans (1979).

Conforme representado na Figura 3, as etapas do modelo de Evans funcionam de forma ininterrupta, uma imediatamente em sequência da outra, todas no mesmo nível de igualdade, o que requer de seus integrantes, participação e sincronia (VERGUEIRO, 1993).

O modelo teórico proposto parte do princípio de que, a coleção é formada com base no entorno da instituição bibliotecária, iniciando-se com as necessidades da comunidade. Considerado como um modelo

processual, apresenta caráter cíclico o que favorece que, nenhuma etapa chegue a distinguir-se ou sobrepor-se às demais, propiciando a continuidade do processo. Este modelo é formado por seis etapas, sendo a implementação da política, o documento base para sustentação das demais etapas (COUTINHO, 2013).

As seis etapas desenvolvem-se atreladamente, podendo ser comparada figurativamente à estrutura de um guarda-chuva, o que depreende a interdependência

dessas etapas. Com isso, profere-se que a coleção somente se desenvolve com eficiência se houver avaliação e seleção, sendo todos os estágios constituintes do processo, justificados por meio de políticas previamente construídas, sendo o estabelecimento desta política, um dos estágios essenciais na continuação do processo (WEITZEL, 2006).

Esse modelo teórico recebe interferências da comunidade usuária, ou seja, recebe pressões dos agentes que estão no entorno da unidade de informação, intervindo nas várias etapas constituintes do processo. Daí, constata-se que tal modelo é holístico. O bibliotecário apoia-se no centro do modelo, representando o filtro que seleciona as fontes com base em critérios previamente estabelecidos, atentando-se às exigências e às condições contextuais.

3.1 Análise dos modelos em uma biblioteca universitária

Após a análise do processo de desenvolvimento de coleções no âmbito das BUs e das discussões a respeito dos modelos teóricos integrado e sistêmico, parte-se para a aplicação desses modelos em um contexto real, constatando qual deles é mais adequado à unidade estudada, e quais melhorias o modelo escolhido pode apresentar à unidade de informação em questão.

Assim, analisa-se a realidade do Sistema Integrado de bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/UFES), um sistema centralizado, cujas atividades de aquisição e preparo técnico e mecânico dos itens são realizadas pela Biblioteca Central da Ufes (BC/UFES).

Situada no município de Vitória (capital), a BC/UFES localiza-se no Campus de Goiabeiras. Conhecida pela comunidade acadêmica da referida universidade como Biblioteca Central (BC) inclui-se na categoria de biblioteca universitária.

A Biblioteca Central é órgão suplementar vinculado diretamente à Reitoria, e coordena todos os procedimentos técnicos do sistema. Administrativamente, as bibliotecas setoriais

estão vinculadas aos seus centros de ensino. O SIB/UFES se mantém em constante processo de atualização para que sejam providas informações atualizadas e adequadas às necessidades das atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração da UFES. O acesso ao acervo do SIB é permitido tanto à comunidade universitária quanto à externa (UFES, 2012, não paginado).

Seguindo o modelo centralizado, orientado pelo SIB/UFES, a BC coordena tecnicamente outras seis unidades assim denominadas: Biblioteca Setorial Tecnológica, Biblioteca Setorial Ciências da Saúde, Biblioteca Setorial Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes), Biblioteca Setorial Ciências Agrárias, Biblioteca de Educação e Biblioteca Setorial do Núcleo de Estudos e de Difusão de Tecnologia em Floresta, Recursos Hídricos e Agricultura Sustentável (Nedtec).

No que se refere ao processo de formação e desenvolvimento de coleções, o SIB/UFES adota uma gestão participativa, em que todas as bibliotecas setoriais, seus colaboradores e todos os usuários de diferentes localidades, podem participar do crescimento das coleções, indicando itens informacionais a serem incorporados ao acervo.

O estudo de Coutinho (2013) identificou que dentre os vários modelos de gestão existentes na literatura o que melhor se aplica e representa o conjunto de interesses de uma biblioteca universitária no contexto atual, é o modelo de gestão participativa, pois se fundamenta na defesa da participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo.

Assim sendo, de antemão, constata-se que o modelo de Evans se torna mais íntegro, considerando-se a forma de gestão adotada pelo SIB/UFES. É importante destacar que, isso não quer dizer que o modelo de Baughman seja inadequado, porém, ao considerar o processo sistêmico, constituído por várias etapas interligadas e influenciadas pelos usuários da coleção (a comunidade universitária), o modelo de Evans torna-se mais adaptável ao contexto. Infere-se que, o modelo de Baughman possa ser mais adaptável a unidades descentralizadas, o que

não é o caso das bibliotecas vinculadas ao SIB/UFES.

Voltando ao estudo de Coutinho (2013), destaca-se que para gerir de forma participativa é preciso construir um ambiente democrático, em que todos podem participar indiretamente do processo decisório, da formulação dos objetivos e das políticas organizacionais. Santos, Lopes e Graça (2002 apud COUTINHO, 2013, p. 26-27) defendem a gestão participativa como um conjunto de princípios e processos que favorecem "[...] o envolvimento regular e significativo dos trabalhadores na definição de metas e objetivos, na resolução de problemas, no processo de tomada de decisão, no acesso à informação e no controle da execução".

No contexto da gestão participativa, "A participação coletiva não permite a tomada de decisão e o controle gerencial por parte de todos os participantes. Ao contrário, o domínio da organização continua sob a responsabilidade de uma equipe especializada [...]" (COUTINHO, 2013, p. 27), por isso, os bibliotecários se encontram no centro do processo, conforme modelo proposto por Evans, mediando as etapas e as sugestões propostas e tomando decisões de seleção, conforme inúmeros critérios formulados na política de seleção.

3.2 Análise do modelo de Evans no contexto do SIB/UFES

Metodologicamente, a coleta de informações a respeito da realidade do SIB/UFES foi oriunda de pesquisa documental, realizada em relatórios de estágio produzidos por alunos de Biblioteconomia da Ufes, como também na análise do Regimento Interno do referido sistema, além do diagnóstico da realidade local.

Com base nessas três técnicas de pesquisa e analisando o modelo de Evans, constatou-se que o SIB/UFES não contempla todas as etapas propostas pelo modelo, o que confirma que o SIB/UFES utiliza o referido modelo de forma parcial. São utilizadas apenas as etapas de estudo da comunidade, seleção, aquisição

e avaliação. As etapas voltadas ao estabelecimento da política e a etapa de desbastamento não são aplicadas ao contexto analisado.

Embora as etapas de seleção e aquisição estejam presentes, o relatório de Santa Anna (2012) destaca que essas duas etapas estão inseridas em um único setor da BC (a seção de Aquisição). O referido relatório menciona que, devido à falta de profissional capacitado para a atividade de seleção, todos os itens sugeridos pelos usuários são automaticamente adquiridos. Logo, confirma-se a ausência da etapa de seleção.

Analisando o Regimento Interno do SIB/UFES, percebe-se que o estudo da comunidade é uma etapa imprescindível, devendo ser realizado pela Divisão de Assistência ao Usuário (DAU) efetuando periodicamente o levantamento de dados, com o fim de identificar o nível de satisfação dos usuários da comunidade universitária, com vistas a construir um instrumento de avaliação permanente para a manutenção do padrão de qualidade dos serviços e produtos de informação (REGIMENTO INTERNO, SIB/UFES, 2002, não paginado).

Seguindo as etapas do modelo de Evans, tem-se a elaboração da política de desenvolvimento de coleção. Conforme consta no Regimento Interno do SIB/UFES (2002, não paginado, grifo nosso), é delegada à BC, a responsabilidade de gerir os recursos orçamentários "[...] destinados ao desenvolvimento das coleções, com base na dotação que lhe é atribuída, a partir de uma **política de desenvolvimento de acervo** que venha a atender as demandas dos diversos conjuntos de usuários [...]" . Todavia, mesmo sendo uma exigência do regimento interno, Coutinho (2013) constatou a inexistência de uma política oficializada.

É importante a oficialização da política, pois conforme discutido na literatura da área, esse documento estabelece os critérios necessários a considerar "[...] as necessidades, a pertinência, a atualidade, a qualidade, tipo, suporte, idioma [...] dos itens a serem incorporados no acervo, com vistas a considerar uma série de fatores, sobretudo a

satisfação das demandas informacionais dos usuários (LUBISCO, 2011, p. 37).

No que se refere à etapa de seleção, conforme já dito anteriormente, ela não se concretiza no SIB/UFES, estando atrelada diretamente à etapa de aquisição. Essa etapa inicia-se no momento que se abre espaço para os usuários sugerirem a aquisição de itens a serem incorporados ao acervo. Essas sugestões podem ser feitas por meio do preenchimento de formulário eletrônico ou manual, podendo participar tanto a comunidade universitária quanto externa. Contudo, segundo Coutinho (2013), a participação do discente é feita de forma passiva, tendo apenas os professores total liberdade em sugerir os pedidos de aquisição.

Conforme entrevista realizada junto à diretoria do SIB/UFES, instrumento de pesquisa utilizado por Coutinho (2013), constatou-se a utilização de outras metodologias para ampliar as possibilidades de sugestões. Assim, as solicitações e coleta de sugestões podem ser realizadas por: *email*, *google docs*, *faceebok* e planilhas anexadas ao email.

Analisando as informações constantes no regimento, e tendo em vista a participação do usuário na gestão das coleções, infere-se que, o discente está representado de forma passiva e não com atribuições que lhe conferem representatividade, pois todas as ações são de iniciativa da instituição (biblioteca).

A distribuição de valores para aquisição dos itens é consolidada com base em um modelo de rateio utilizado pela BC levando em consideração as seguintes variáveis: secretaria geral: 25,00%, colegiados Pós-graduação: 25,00%, colegiados Graduação: 25,00%, departamento gerador do recurso: 12,50%, todos os departamentos: 12,50%, totalizando 100% de consumo da verba disponibilizada (COUTINHO, 2013). Segundo o mesmo autor, os valores distribuídos são facultados para cada centro, com base nas indicações de área, conforme o quantitativo de alunos matriculados na graduação, pós-graduação (Mestrado e Doutorado) e Residência Médica.

No que se refere à etapa de desbastamento, é importante, antes de qualquer análise, estabelecer as relações entre desbaste, descarte e remanejo. Tendo como base, as pesquisas de Figueiredo (1993), desbaste compreende uma ação interventiva (ampla) no sentido de extrair itens da coleção. Esse processo pode ser realizado de duas maneiras: remanejo ou descarte. O primeiro consiste em retirar do acervo, alocando para espaços específicos (normalmente fora do acervo) itens não utilizáveis, o que determina a consultas eventuais a esse acervo remanejado. Já o segundo tipo de desbaste, o descarte, consiste na retirada definitiva do material, podendo destruir os materiais ou realizar intercâmbio/doação com outras instituições.

O modelo de Evans contempla o processo de desbaste, podendo ele compreender o remanejo ou descarte. Com base no relatório de Santa Anna (2012), bem como a técnica de diagnóstico, constatou-se que o SIB/UFES realiza parcialmente o processo de desbaste, isso porque apenas o remanejo é realizado de forma gloriosa.

A fim de consolidar a prática do remanejo, a unidade possui uma extensa área anexa ao prédio da BC, à qual destina ao armazenamento de itens pouco procurados. Estes somente são deslocados fisicamente, porém no catálogo eletrônico continuam ativos, com o status de “baixa demanda”. Ao serem solicitados pelo usuário, são realocados ao acervo geral. É interessante destacar que, figurativamente, esses espaços foram denominados por Vergueiro (1989) de “purgatório”, devido à espera em que os itens se encontram, na tentativa de retornarem à vida ativa (ao acervo).

No que se refere aos procedimentos de descarte, o SIB/UFES não possui um plano de descarte; logo, qualquer tentativa de descarte constitui um ato proibido. Infere-se que, pelo fato de a BU estar inserida em constante dinamismo e com a obsolescência ocasionada com a explosão bibliográfica, assim como a falta de espaço, recomenda-se a elaboração de um política a fim de fomentar a prática do descarte nessa instituição. Além disso, faz-se necessário a concretização do processo de

descarte, pois esse processo é mencionado no Regimento Interno do SIB/UFES (2002, não paginado, grifo nosso), dispondo que os profissionais devem

[...] possibilitar o acesso do usuário à informação e à documentação contidas no acervo ou acessíveis em bases de dados, nacionais e estrangeiras, orientar os usuários na utilização dos recursos e serviços disponíveis e **coordenar atividades de conservação, avaliação e descarte da coleção.**

Quanto à última etapa do modelo de Evans, e uma das essenciais, a avaliação, essa corresponde a “um divisor de águas” no processo de desenvolvimento de coleções, tornando-se um mecanismo necessário no desenvolvimento efetivo das coleções, com vistas a satisfazer continuamente os anseios e desejos dos usuários. Essa funcionalidade está prevista no artigo 30 do regimento interno do SIB/UFES (2002, não paginado, grifo nosso), descrevendo que, cabe aos gestores da coleção realizarem

[...] periodicamente levantamento de dados, com o fim de identificar o nível de satisfação dos usuários da comunidade universitária, com vistas a construir um **instrumento de avaliação** permanente para a manutenção do padrão de qualidade dos serviços e produtos de informação.

As atividades realizadas em prol da avaliação da coleção são efetivadas com prestatividade por parte do SIB/UFES. A unidade informacional estabelece vários procedimentos para que a coleção seja avaliada constantemente, visando atingir altos índices de qualidade e excelência (SANTA ANNA, 2012).

A pesquisa de Coutinho (2013) identifica vários critérios a serem considerados no processo avaliativo da coleção. *A priori*, percebe-se como algo engrandecedor desse processo, a oportunidade dos usuários poderem opinar/sugerir a incorporação de novos itens. Além disso, é importante frisar também, a avaliação da condição de atendimento à demanda potencial, considerando os seguintes indicadores: total de exemplares disponíveis, número de alunos

matriculados e total de exemplares, segundo prescrição do padrão de avaliação dos cursos de graduação (um livro para cada oito alunos/turma), conforme recomendação do Ministério da Educação.

3.2 Proposições de melhoria e adequação do SIB/UFES ao modelo de Evans

Tendo em vista as análises do contexto situacional do SIB/UFES, advindo das técnicas de diagnóstico, pesquisa bibliográfica e documental, é possível constatar algumas lacunas não contempladas na realidade da BU analisada no comparativo com um modelo mais adequado à gestão da coleção, o modelo de Evans.

Em linhas gerais, as etapas que merecem especial atenção, uma vez que não são praticadas pelo sistema são: política de desenvolvimento da coleção, seleção e descarte (imbuído na etapa de desbastamento). Convém mencionar que, a unidade deve elaborar ações, com vistas a consolidar essas etapas, uma vez que todas elas estão contempladas no documento de controle legal da unidade, o Regimento Interno.

Em primeiro lugar, como atividade mais importante na melhoria dos trabalhos a serem desenvolvidos, é obrigatória a elaboração da política de desenvolvimento de coleções (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996). Essa política, segundo Vergueiro (2010), pode ser um documento único, como também pode ser realizada para cada etapa do processo individualmente, devendo levar em consideração o perfil dos usuários e o contexto onde a biblioteca esteja inserida.

Convém destacar que, a elaboração da política bem como sua manutenção contínua deve ser conduzida por uma equipe diversificada, contendo todos os atores que compõem a universidade, abrindo espaço para participação de bibliotecários, docentes e discentes (PINHEIRO, 2013).

A etapa de seleção deve ser separada da aquisição. Vergueiro (2010) assinala que a aquisição é consequência da seleção, ou melhor, a aquisição constitui a concretização

das medidas tomadas na primeira etapa (a seleção), sendo útil a fim de evitar que materiais já existentes no acervo sejam novamente adquiridos. Recomenda-se a contratação de um bibliotecário especializado, acompanhado de uma equipe técnica a fim de separar os itens sugeridos pelos participantes no processo de sugestão de itens.

O processo de aquisição, embora esteja de acordo com o modelo apresentado no que diz respeito à delimitação das formas de aquisição, pode ser melhorado. Na visão de Vergueiro (2010), a esse processo também se funde os materiais advindos de outras formas de aquisição, como doação e intercâmbio. Diferentemente do recomendado pelo autor, o SIB/UFES prioriza a compra. No entanto, tendo em vista a economia de recursos financeiros, bem como o que dispõe o Regimento Interno (2002), é preciso que a unidade mantenha contato com outras unidades de informação, nacionais ou internacionais, objetivando o estabelecimento de permuta e/ou doação.

A etapa de aquisição também se complementa com o intercâmbio de materiais (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996). Desse modo, recomenda-se que os profissionais de aquisição mantenham intercâmbio com redes e sistemas de bibliotecas e serviços de documentação e informação, nacionais e estrangeiros, participando dos programas de cooperação bibliotecária (REGIMENTO INTERNO, SIB/UFES, 2002). Com base no diagnóstico realizado e conforme registrou Santa Anna (2012), o SIB/UFES realiza com efetividade esse processo, firmando parcerias com outras unidades de informação, trabalho realizado pela seção de Periódicos e pela Seção de Comutação Bibliográfica (setor COMUT).

A etapa de desbastamento é parcialmente realizada pelo SIB/UFES, pois o descarte não é realizado pelo sistema. De modo geral, para que se possa realizar o processo de descarte, podendo destruir os itens ou doá-los/intercambiá-los é preciso estabelecer a política com diretrizes voltadas ao descarte (VERGUEIRO, 1989; FIGUEIREDO, 1993;

ANDRADE; VERGUEIRO, 1996; VERGUEIRO, 2010; WETZEL, 2006). Logo, é preciso que o SIB/UFES reúna uma comissão, contendo diferentes participantes, tanto os gestores do Regimento Interno, quanto bibliotecários especializados na gestão de coleções, como também cada representante de uma categoria de usuário da BU (discente, docente, pesquisador e colaborador), no intento de elaborar um documento que estabeleça os critérios a serem considerados no descarte, garantindo a tomada de decisão e proporcionando segurança e legitimidade ao processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas, conclui-se que o desenvolvimento de coleções no âmbito das BUs se apresenta como um processo complexo, uma vez que visa abranger várias necessidades, oriundas de diferentes contextos existentes no bojo da universidade.

O estudo demonstrou através da análise dos modelos teóricos, que a realidade da BU não condiz com as propostas dos modelos hierárquicos, aproximando-se com mais intensidade das características elencadas pelo modelo estruturalista de Baughman e modelo holístico de Evans.

De acordo com o contexto analisado, o SIB/UFES, confirma-se que, no intento de oferecer informações e serviços em concomitância com as exigências e necessidade dos usuários desse sistema e, em conformidade com as duas diferentes propostas, o modelo de Baughman e Evans, o modelo de Evans mostra-se mais adequado à realidade estudada.

O modelo de Baughman pode ser aplicado em BUs, porém, apresenta limitações, especificamente no que se refere às intervenções da comunidade usuária, apresentando-se como um modelo integrado e ao mesmo tempo engessado, direcionado com mais exclusividade aos problemas internos, o que ocasiona a falta de flexibilidade e inovações. Já o modelo de Evans considera a comunidade como um sistema pressionador

que interfere no desencadeamento das ações, refletindo na continuidade dos processos de forma conjunta, tendo o bibliotecário como centro gerenciador e adaptando o sistema às reais necessidades.

De modo geral, os resultados confirmaram haver necessidade de adequação aos modelos propostos, especificamente às ideias de Evans, consolidando uma gestão sistêmica. Quanto à ambiência do SIB/UFES, o modelo se apresenta como metodologia mais apropriada, no entanto, o sistema omite três fases do modelo, condicionando a utilização do modelo de forma imparcial, não sendo utilizada pelo sistema, as etapas de estabelecimento das políticas, seleção e a etapa de desbastamento (apenas o descarte). Com isso, verificou-se a necessidade da construção de uma política de desenvolvimento de coleções, objetivando

fundamentar e nortear todas as ações em prol da constante adequação da coleção às necessidades demandadas pela comunidade universitária.

Por fim, infere-se que o modelo de Evans é uma metodologia para ser discutida e adaptada ao contexto do SIB/UFES, garantindo, a partir de sua utilização, o gerenciamento efetivo de todas as coleções disponibilizadas à comunidade universitária, desprendendo o uso satisfatório de todo o acervo.

Esse trabalho fomenta a realização de futuras pesquisas, abrindo lacunas à proposta de elaboração e implantação de uma política de desenvolvimento de coleções para o sistema analisado, levando em consideração, ao propor os procedimentos da política, todos os pormenores delineados pelo modelo holístico de Evans.

COLLECTIONS DEVELOPMENT IN UFES LIBRARY SYSTEM: COMPARING THE THEORY OF MODELS AND EVANS BAUGHMAN AND FITNESS FOR PROPOSAL TO EVANS MODEL

Abstract: *Universities Libraries (BUs) are the information units, whose main goal is to provide informational materials to diverse actors in the university area. However, training and developing collections of information in these units may represent an exciting and challenging mission. This is because the collections that form the collections of the BUs are not static, but should be steady growth in an attempt to meet the educational proposals of the university, enabling the work of teaching, research and extension. Considering the complexities existing in the training and development of collections process, this study aims to compare the activities in favor of training and development of collections of SIB/UFES, according to the theoretical models of Evans and Baughman, proposing alternatives to improve as the proposed models, in order to ensure the adequacy of the collections to the demands and needs of users of the collection. To do so, through literature, documentary and diagnostic research, we propose a theoretical reflection on the development of collections and their relationship with the SIB/UFES. Presents the main features of the theoretical models of Evans and Baughman. Compares the characteristics of these models with the reality of the SIB/UFES. Finally, the results need to be confirmed suitability for the holistic model, consolidating a systemic management as well as building a collection development policy, aiming to support and guide all actions for the collection of constantly adapting to the needs demanded by the community college.*

Keywords: *University libraries. Training and development of collections. Theoretical models. Systemic management. Holistic Model.*

REFERÊNCIAS

- AMBONI, Narcisa de Fátima. O papel do líder na gestão das organizações. In: _____ (Org.). **Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC**, Florianópolis: UFSC, 2013, p. 10-34.
- ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.
- BAUGHMAN, James C. Toward a structural approach to collection development. **College & Research Libraries**, v. 38, n. 3, p. 241, p. 242, 1979.
- COUTINHO, Carlos Cesar Santana. **A participação de usuários na gestão de coleções em bibliotecas universitárias: o caso da biblioteca central da UFES**. 2013, 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Curso de Biblioteconomia - Departamento de Biblioteconomia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013.
- EDUVIRGES, Joelson Ramos. A importância do usuário no desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. [2014?]. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/ARTIGO%20DE%20USUARIOS-3_1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- EVANS, Edward, G. **Developing library collections**, Littleton, Libraries Unlimited, 1979.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.
- LUBISCO, Nídia. Apêndice A. In: _____ (Org.). **Biblioteca universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 46-70.
- MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n.2, p. 01-19, jan./jun., 2007.
- NASCIMENTO, Aline Vieira do; SANTOS, Ana Cristina Gomes. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: o caso dos repositórios institucionais. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17, **Anais Eletrônicos**, 16 a 21 set. 2012, Porto Alegre: Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/index.php>>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo. Biblioteca universitária e usuário da informação. In: _____ (Org.). **Procedimentos para busca e uso da informação: capacitação do aluno de graduação**. Brasília: Thesaurus, 1996, p. 32-33.
- PINHEIRO, Liliane Vieira. O modelo participativo no desenvolvimento de coleções. In: AMBONI, Narcisa de Fátima (Org.). **Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC**, Florianópolis: UFSC, 2013.
- SANTA ANNA, Jorge. **Relatório final de Estágio Supervisionado em Biblioteconomia**. Curso de Biblioteconomia – Departamento de Biblioteconomia. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, 2012, 25 f.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Biblioteca Central**. Sobre o SIB. 2014. Disponível em: <<http://www.bc.ufes.br/>>. Acesso em: 22 de abr. de 2014.
- _____ (Brasil). **PDI: Plano de Desenvolvimento Institucional, 2010-2014**. Vitória: a Universidade, 2010. 69, [7] p.

VERGUEIR, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 11, p. 13-21. jan./abr. 1993. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1208/849>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. **Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

WEITZEL, Simone Rocha. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/414/227>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.